

OS DESAFIOS ATUAIS PARA A MISSÃO *AD GENTES*

**Em memória de Robert Schreiter, C.P.P.S.
(1947-2021)***

Robert Schreiter – Gerardo Custodio López
gerclsx@yahoo.com.mx

RESUMO: Este artigo ajuda-nos a levar em conta a situação da missão ad gentes a partir deste terceiro milênio, as mudanças no mundo onde se realiza a missão, bem como nos agentes que levam adiante a missão. Neste mundo globalizado, é necessário encontrar formas adequadas aos tempos, onde se recupere a clareza da missão ad gentes da Igreja. Em seguida, transcrevo o artigo do autor Robert Schreiter que ajuda a esclarecer o panorama.

ABSTRACT: This article helps us to take into account the situation of the mission ad gentes, in this third millennium, the changes in the world where the mission takes place, as well as in the agents that carry out the mission. In this globalized world, it is necessary to find forms appropriate to the times, where the clarity of the Church's mission ad gentes is recovered. Then I transcribe the article by author Robert Schreiter that helps clarify the picture.

Algumas décadas se passaram desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), onde a euforia da renovação da Igreja, em seus vários campos, parecia inaugurar novos tempos a longo prazo. No campo da missão surgiram novidades que abriram e iluminaram a caminhada para uma Igreja mais comprometida no campo da evangelização. No entanto, a partir do Sínodo de 1985, se lhe deu ao Concílio um giro na leitura dos documentos originais em um sentido diferente, entre os quais foi mudar o conceito fundamental de Povo de Deus, como experiência de circularidade, como participação sinodal e compromisso de todos os batizados para a missão, e volta a uma imagem piramidal. Uma das consequências derivadas disso foram as diferentes interpretações sobre

o objetivo da missão (proclamação) e o modo de fazer missão (diálogo e inculturação) que foram se misturando, criando confusão na direção da missão para a Igreja posterior.

I. PARA ONDE ESTÁ INDO A MISSÃO *AD GENTES*?

A encíclica *Redemptoris missio* do Papa João Paulo II, que tem como subtítulo: “Sobre a validade permanente do mandato missionário” volta a apresentar os fundamentos teológicos da missão segundo as propostas do Concílio Vaticano II. Convida a refletir sobre os horizontes da missão em nossos dias e sobre os meios para realizá-la, e termina com uma reflexão sobre a espiritualidade missionária. Depois do Vaticano II é a primeira Encíclica que expressa a ideia da urgência de repensar todos os aspectos relacionados com a missão.

Na Encíclica há um tema subjacente que indica que a motivação missionária tem decaído, e a própria atividade missionária também tem diminuindo. Após a celebração do Concílio, o próprio objetivo da missão foi questionado profundamente, inclusive dentro das próprias âmbitos missionários. A crise dos anos 1960 e 1970 não foi apenas teológica; os processos de descolonização e as novas situações políticas exigiam, particularmente na África, uma “moratória” para a missão. Para a missiologia católica, os institutos religiosos missionários no simpósio SEDOS (1981) nos permitiram compreender que o objetivo da missão havia se tornado uma reflexão sobre o modo como ela deveria ser realizada (1). O fato de que a *Redemptoris missio* tenha sido publicada quase dez anos após o mencionado simpósio é prova disso. É importante que reconsideremos a questão de onde se encontra nossa missão e para onde vai a missão *ad gentes*.

Para chegar às propostas devemos considerar primeiro as causas, ou seja, por que cremos que a missão *ad gentes* deve tomar uma direção diferente daquele que tomou até agora?

Apresento-lhes os fatores que criam um clima favorável para poder enfrentar os desafios da missão *ad gentes*. Posteriormente

te, as condições (mutantes) que ajudaram a moldar a missão *ad gentes* nos últimos anos. E algumas sugestões sobre o destino da missão *ad gentes*.

Existem três tipos de mudanças que nos levaram a considerar a missão *ad gentes* em outra direção: na teologia da missão; no mundo; em agentes da missão.

1. Mudanças na Teologia da Missão

Na segunda metade do século passado, assistimos a importantes variações da teologia e, de alguma maneira, essas mudanças têm sua origem na teologia da missão recolhida em vários textos emanados do Concílio Vaticano II. As origens dessas mudanças devem ser encontradas nos documentos do Concílio, mas talvez a direção que tem tomado essas teologias não represente a ideia que os documentos originais propunham. Paulo VI e João Paulo II defendem uma leitura mais autêntica desses documentos diante das posturas teológicas que surgiram posteriormente.

a) A primeira mudança é *considerar que toda a Igreja no seu conjunto é missionária*, como se lê no Decreto *Ad gentes*. Isso muda o conceito anterior pelo qual a atividade missionária era algo com o qual a Igreja estava comprometida. O fundamento teológico para considerar a missão como algo que pertence a toda a Igreja deve ser encontrado no próprio conceito de missão como uma ação da Santíssima Trindade para com o mundo; à Igreja, portanto, é confiada uma missão como participação na obra salvífica de Deus. O próprio objetivo da existência da Igreja é, então, a missão.

Esta teologia em si não apresenta nenhum tipo de problema. O problema não reside no aspecto teológico, mas na percepção e na estratégia utilizada, pois se toda a Igreja deve se dedicar à missão, então, *qual é a tarefa dos institutos missionários ad gentes* considerados individualmente? Podemos atribuir que a teologia presente no Decreto *Ad gentes* não é suficientemente compreendida; mas por que persiste essa percepção errônea? E, como isso afeta a identidade e especificidade dos missionários com vocação *ad gentes*?

b) A segunda mudança diz respeito às *formas de evangelização*. O mais importante é a introdução do diálogo junto com o anúncio. A missão foi entendida como o anúncio do Evangelho a todos aqueles que ainda não a tem escutado. A importância que lhe outorgou *Nostra Aetate* ao diálogo suscitou novas questões. Ao respeitar outras tradições religiosas e promover o diálogo com elas, em vez da pregação apologética, a maneira com que se relacionam em si mesmo os fins do anúncio e do diálogo, converte-se um tanto problemático. Apesar das tentativas de explicar e esclarecer essa relação, a confusão persiste. Se o diálogo é um fim em si mesmo, então, o que acontece com o anúncio como é entendido e tradicionalmente, e com uma missão *ad gentes* a fortiori?

c) A terceira é que *o respeito pelas outras religiões pressupõe elementos ou caracteres salvíficos na sua constituição*. Este aspecto foi amplamente reconhecido pela *Lumen Gentium*, *Nostra Aetate* e pela *Ad gentes* *Divinitus*. Em todos estes documentos foi reconhecido e afirmado esse elemento salvífico, embora não tenha sido realmente explicado. A ação salvífica de Jesus Cristo também foi afirmada em cada um dos documentos. A maneira de relacionar estas duas realidades – salvação em outras religiões e salvação em Cristo Jesus – tem sido objeto de acalorados debates teológicos ao longo da segunda metade do século XX.

Este é um ponto extremamente delicado, mas de fundamental importância para a missão. Enquanto a Igreja Católica tiver uma posição “inclusivista”, a discussão não terá fim. Inclusive a natureza das categorias utilizadas para caracterizar as distintas posições continua sendo objeto de constante reflexão. Os teólogos continuam buscando esclarecimentos dos valores a serem preservados, das categorias de discurso a serem empregadas e do significado das diferentes trajetórias dos argumentos apresentados. No entanto, embora tudo isso continue sendo realizado, a questão do que se conhece com o nome de teologia das religiões continua sendo polémica (3).

Para a missão *ad gentes*, a maneira em que se deve compreender a relação da salvação oferecida em Cristo em relação às religiões do mundo é de importância fundamental. Se de fato a salvação de

Deus pode ser obtida por meio de outras religiões, então qual é o objetivo da atividade missionária cristã? Por que então devemos nos dirigir *ad gentes*, a todas as nações? Uma vez que temos esses conceitos teológicos, tal atividade é legítima? Essas três perguntas permanecem válidas. No entanto, eles continuam a nos questionar sobre a missão *ad gentes* em quanto a sua especificidade e identidade, seus objetivos e até mesmo sua legitimidade.

Podemos afirmar que uma correta compreensão da relação entre os aspectos teológicos dos documentos conciliares sobre a natureza da missão, da relação do diálogo, do anúncio e da teologia das religiões pode ajudar a resolver estas questões.

2. Mudanças no mundo em que a missão é realizada

Nossa maneira de ver os desafios futuros para a missão *ad gentes* é afetada pelas mudanças que são produzidas no mundo. Existem duas mudanças fundamentais.

a) A primeira delas é a *globalização*. Este fenômeno se assemelha à expansão do imperialismo da Europa entre os séculos XV e XIX. Mas difere dos impérios europeus pelo seu alcance, pela intensidade das inter-relações que foram criadas, pela velocidade com que se movem a informação e o capital, e pela grande influência que exerce em tudo (4).

Um conceito que está mudando devido à globalização é o significado de território e de estado-nação. Com o movimento e as migrações dos povos, bem como com a incursão das forças culturais globais nas comunidades locais, a “cultura” entendida como território tem perdendo importância. Embora nem o Estado-nação, nem o território cultural desapareçam por completo (5), sua relevância diminuiu claramente.

O que isso significa para uma missão que se define em si mesma como missão *ad gentes*, se o mundo já não está claramente dividido em grupos culturais e étnicos? Os institutos missionários *ad gentes* tentaram redefinir o termo *ad gentes* como *ad extra* (aqueles que consideramos os “outros”). A transformação dos li-

mites que definem “às nações” e “aos outros” nos fazem perguntarmos sobre a direção e fundamento da missão.

b) A segunda mudança no mundo está relacionada com a *reorganização da geografia religiosa do mundo*. Nesse sentido, existem duas hipóteses.

1. Que os convertidos às grandes tradições religiosas (o cristianismo ou o islamismo) provêm das tradições orais locais. As pessoas de tradições orais locais (religiões indígenas) decidem mudar voluntariamente e adotar tradições “forasteiras” como o cristianismo, o budismo ou o islamismo. Quando já mudaram de religião, não passam de uma religião “forasteira” para outra. Apenas aqueles que não foram bem integrados, estão mais dispostos a mudar de religião. Se assim for, quando se evangelize o último dos povos indígenas, a missão *ad gentes* terminaria para o cristianismo (e para o islamismo).
2. Vale a pena se perguntar, se o cristianismo está verdadeiramente progredindo. A porcentagem de cristãos no mundo é quase a mesma de um século atrás. Há provas de que esse percentual diminuiu ligeiramente (6).

Não é inteiramente verdade que a hipótese, sobre a geografia religiosa do mundo, seja igual para o futuro. Devido às migrações dos povos na atualidade, é provável que as coisas mudem, embora ainda seja muito cedo para o afirmar. No entanto, esta situação provoca certa perplexidade ao tentar promover a paixão pela missão *ad gentes*. A Ásia, por exemplo, talvez seja “inalcançável” no sentido de que não tem sido muito receptiva à mensagem cristã. Mas se essa hipótese for verdadeira, a missão *ad gentes* naquela parte do mundo poderia ter acabada já completamente.

3. Mudanças nos agentes da missão

É preciso considerar as mudanças produzidas nos próprios agentes da missão, especialmente nos institutos missionários, religiosos e leigos, bem como nos voluntários que realizam trabalhos missionários por períodos breves e muito específicos.

Os institutos missionários fundados nos séculos XIX e XX, para o envio de missionários, viram reduzidos o número dos membros. *A idade média é muito maior, e novos membros são escassos.* O que significa isso para o seu trabalho missionário de longo prazo? Há institutos que agora recebem membros provenientes das áreas em que anteriormente realizavam trabalhos missionários, e seus novos membros são originários das “áreas de missão”, ainda que os recursos financeiros para sustentar a missão *ad gentes* sejam proporcionados pelo país que envia missionários

Existem duas outras mudanças importantes que os institutos *ad gentes* terão que enfrentar no futuro. Em algumas das áreas, onde antes os missionários costumavam trabalhar como evangelizadores, agora fazem parte da igreja local e, portanto, não realizam mais a tarefa de evangelização da mesma maneira que antes. Um segundo fator consiste na fundação de novos institutos missionários *ad gentes* em países que até recentemente eram o objetivo da missão. Que tipo de atitudes e ideias têm estes missionários que vêm de países do continente africano ou da Coreia do Sul?

Estas mudanças têm um papel para determinar a maneira como questionamos a missão *ad gentes* na atualidade e, em particular, a forma como devemos realizar a missão no futuro. A forma de compreender o conceito de missão *ad gentes*, é importante que seja considerado.

II. AS CONDIÇÕES QUE CONSTITUEM A MISSÃO *AD GENTES*

Notamos três conjuntos de fatores importantes sobre a direção da missão *ad gentes* nos próximos anos. Agora vem um dos fatores que tem dado forma a grande parte da missão *ad gentes* nos últimos dois séculos. Refletir sobre isso, resulta em conceitos que nos ajudem a desbravar o caminho que devemos seguir.

A preocupação da Igreja pela missão *ad gentes* não foi permanente nos dois mil anos de história com que conta. *Durante longos períodos houve muito pouca ou quase nenhuma atividade missionária na Igreja.* De fato, a passagem de Mateus (28,18-19) em que Jesus

envia seus discípulos a todas as nações apenas começou a ser entendida como um claro chamado à missão no século XVII (7).

A atividade missionária dificilmente se levou a cabo separada das condições da sociedade da qual surgia ou para a qual se dirigia, utilizava a infraestrutura presente no momento e nos lugares em que era realizada. O apóstolo Paulo fez suas viagens missionárias percorrendo as rotas comerciais e as estradas do Império Romano. Por tanto, a atividade missionária que começo com as viagens de missionários europeus, além dos confins da Europa a finais do século XV, estão estreitamente relacionadas com a *expansão ad gentes* organizada pela Espanha e Portugal, e posteriormente pela França, Países Baixos e Grão Bretanha.

O império não apenas proporcionava uma infraestrutura necessária para os missionários em termos de transporte, proteção e até apoio econômico, mas também participou da organização da própria missão. Para muitos missionários e posteriormente a fundação de institutos dedicados especificamente a esse propósito seguia os passos e inclusive adotou a retórica militar dos construtores do império.

Não quer dizer que a missão *ad gentes* organizada foi um produto à altura do império. Com frequência os missionários se opunham ao império, se colocando do lado das pessoas que evangelizavam e contra dos colonizadores. Outros preservaram a cultura local pondo por escrito as línguas orais, inclusive quando o império a destroçava ou destruía. Mas é preciso indicar alguns fatores que surgiram da convergência do império e da missão *ad gentes* e que talvez nos possam servir de lição para nós nesta época. Devemos observar três aspectos que foram produzidos por essa convergência da missão e do império, que ainda estão presentes entre nós:

- * A convergência da missão *ad gentes* e do império deu lugar a um conceito muito forte de que a missão *ad gentes* está estreitamente relacionada com o território. Em primeiro lugar, com a fundação da *Propaganda Fide* em Roma no século XVII, mais tarde com a criação do “*jus commissionis*” no

século XX. Em vez de criar modelos pelos quais *ad gentes* significava ir para a conversão, a missão era entendida como a cristianização de um território.

- * A convergência do império e da missão deu modelos de missão derivados do império e de seus processos de colonização. O modelo do império da Europa era o de civilização, quer dizer, o de levar *ad gentes* a educação, a formação técnica e os sistemas de saúde europeus. É como dizer hoje que os modelos de promoção humana andam de mãos dadas com a missão, ou seja, a justiça social e a defesa dos direitos humanos.
- * Essa convergência também proporcionou: modelos de relações entre os missionários e o *povo*, e metáforas da missão, como “ganhar almas para Deus”, “resgatar das garras de Satanás” e “expandir a Igreja”. Estas surgiram porque havia metáforas militares que eram usadas paralelamente com a construção do império e as metáforas tornavam-se assim importantes meios para organizar o imaginário coletivo, e a missão também passou a ser usada.

Podemos aprender alguma coisa com esta convergência do império e da missão que possa nos ajudar a ver o futuro da missão *ad gentes* mais claramente? De que maneira o futuro da missão *ad gentes* depende da estrutura geopolítica e macroeconômica do mundo atual?

Não é mera coincidência o fato de que a crise sofrida pela missão em meados do século XX ocorra ao mesmo tempo que a dissolução dos impérios europeus. Uma das características geopolíticas e macroeconômicas do mundo de hoje é a globalização e se assemelha muito à construção do império. Mas também tem algumas diferenças fundamentais.

Um exemplo da forma como a globalização está influenciando a missão é: *o aumento do voluntariado durante períodos breves*. A rapidez com que é possível viajar a preços econômicos, o que possibilita a disponibilidade de missionários por um determinado tempo. Há alguns anos, os missionários deixaram seus países

por toda a vida. Devemos ter em mente que esta possibilidade de ter missionários por um período curto de tempo, forma parte de uma economia em que as pessoas podem se permitir mudar de ocupação várias vezes ao longo da vida, em vez de escolher um emprego permanente até a aposentadoria ou morte.

A era do império nos ensinou a pensar no território quando pensamos na missão, assim sendo a globalização pode nos levar a repensarmos o que significa *ad gentes* para nós na atualidade. Os institutos missionários já estão nesse processo porque interpretam *ad gentes* como *ad extra* ou *ad alter*. O fato de considerar a missão *ad gentes* relacionada ao território foi importante na segunda metade do segundo milênio do cristianismo, portanto, no terceiro milênio, devemos nos preparar para repensar o tema outra vez.

Quais serão as metáforas que moldarão o imaginário social da missão? Se as metáforas da expansão e conquista militar foram as que moldaram a era do império, quais serão as metáforas da missão *ad gentes* no século XXI? Surgiu, por exemplo, a metáfora do *acompanhamento*, substituindo as de expansão e conquista (8).

Missão entendida como *inserção*, como caminhar ao lado dos pobres, como diálogo (especialmente um diálogo de vida sinodal), como solidariedade. Estas metáforas falam de um profundo sentido da missão, que implica um forte vínculo e identificação do missionário com as pessoas a quem serve. Talvez, esta metáfora seja em parte a causa da dificuldade que os institutos missionários sentem agora em se transladam para outros lugares: para onde nos leva a nova situação?

III. A MISSÃO *AD GENTES* NO TERCEIRO MILÊNIO

Chegamos ao momento de propor alguns desafios para a missão *ad gentes* no terceiro milênio. Como todos esses fatores mencionados convergem?

O fator mais importante é o nascimento da globalização entendida como uma nova ordem mundial. A globalização é um

fenômeno ambivalente que provoca violência a grande parte da população mundial, principalmente aos pobres, e impede que um grande número de pessoas possa melhorar suas condições de vida. Mas também possibilita novas comunicações e relacionamentos. O Papa João Paulo II assim o expressou: “Globalização na solidariedade, globalização sem marginalização” (Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1997).

Por mais que desaprovemos os males que a globalização causou aos pobres, devemos reconhecer que ela pode representar a ordem mundial com a qual temos que conviver. Não há alternativa nesse sentido. O cristianismo lutou experimentando sempre uma para relação tensa com a ordem estabelecida por não aceitar a injustiça.

A globalização tem duas características significativas: seu poder de *homogeneização*, pelo qual se conecta a todo o mundo e comunica a mesma mensagem usando a mesma rede. Também seu poder de *fragmentação* que desorganiza os arranjos sociais enfatizando o sentido do particular e do local. Como se relaciona este aspecto da globalização com a missão *ad gentes*?

Os institutos missionários e a própria Igreja deveriam usar seus recursos de organização transnacional e não governamental para unir todas as pessoas em solidariedade com a família humana e criar redes de apoio e ajuda. Os institutos missionários deveriam demonstrar por seus modos de vida e trabalho que as organizações transnacionais não têm necessidade de ser opressivas, mas podem associar os recursos humanos e materiais para melhorar a vida da humanidade. Deveriam usar seus recursos para alcançar *as pessoas espalhadas agora pelo mundo*, como resultado da migração ou do status de refugiado, aquelas pessoas que fluem para as grandes cidades perdendo sua identidade no processo. Como missionários e como teóricos da missão, devemos refletir sobre como os fatores de homogeneização do mundo de hoje dão forma a nossos pensamentos e nossos relacionamentos.

A globalização também fragmenta o mundo. Nesse sentido, parece-me que a missão *ad gentes* é chamada a *resolver as consequências dessa fragmentação*, para que as pessoas reconstruam, re-

criem uma nova identidade, que os ajude a resistir aos abusos da globalização, para que refugiados e deslocados reconstruam suas vidas e possam curar as feridas produzidas. O trabalho da missão, então, é um trabalho de reconciliação, isto é, restaurar a dignidade humana e curar a sociedade destruída. A tarefa missionária consiste em dizer a verdade, buscar a justiça e criar uma nova visão moral. Na verdade, acho que a reconciliação pode ser uma metáfora perfeita (9). No mundo caracterizado por uma maior interconexão e fragmentação, devemos empregar nossas habilidades para “derrubar os muros de hostilidade que nos separam”, como lemos em Efésios (2,14).

Portanto, em qual ponto nos encontramos nós em relação à missão *ad gentes*? Vamos resumir em cinco pontos:

- 1) Ao igual que o império que criou uma infraestrutura -melhor ou pior- para a missão *ad gentes* organizada da qual somos herdeiros, a atual ordem mundial oriunda da globalização criará a infraestrutura -melhor ou pior- para a missão *ad gentes* à qual devemos dirigirnos.
- 2) As pessoas a quem se dirige a missão, não serão determinadas pelo território, mas pelas identidades que se constituem e adquirem forma com a globalização. Tais identidades serão muito mais fluidas.
- 3) Dois dos desafios teológicos da missão *ad gentes*: o diálogo e a teologia das religiões, devem ser considerados à luz desta nova reorganização do mundo. Num mundo em que a fragmentação ameaça constantemente a qualidade de vida de todos juntos, o diálogo aparece como elemento fundamental não só para compreender os outros, mas também para criar um ambiente de confiança que nos possibilita a comunicação e a cooperação. O pluralismo exacerbado que a globalização cria por meio da interconexão nos obrigará a formar novos conceitos sobre o próprio pluralismo, que nos ajudarão a formular uma teologia das religiões adequada e fiel.
- 4) A reconciliação será talvez, a metáfora mais importante para a missão *ad gentes* nos próximos anos. É uma questão com

a qual devemos conviver, por exemplo, a assistência aos trabalhadores na resolução de conflitos e na reconstrução das comunidades ou sociedades. A reconciliação não se trata de uma pacificação fácil; também não se trata de um paliativo que substitui o trabalho duro pela justiça e pela verdade.

- 5) O novo sentido para a reorganização dos institutos missionários ainda é inexplorado. Implica primeiro, uma análise da realidade que reconheça que as coisas mudam e, em seguida, o desdobramento de estratégias e relacionamentos que atingem as pessoas. Significa também a formulação de uma espiritualidade que sustente o trabalho que enfatize a inter-relação, a proclamação da verdade e a criação de uma nova visão moral para as sociedades. Implica também a busca da justiça e o cultivo de relações baseadas na confiança para estabelecer comunidades de memória e esperança. Os institutos missionários dedicados especialmente à missão *ad gentes* ainda têm um longo caminho a percorrer.

Espero que os conceitos e sugestões aqui propostos ajudem a renovar o sentido de uma missão fiel ao nosso chamado, profética na nossa resposta e cheia de esperança na vinda do Reino de Deus.

PARA REFLETIR

- Se toda a Igreja é missionária, qual é o sentido de ser Institutos missionários?
- Recuperando o mandato de Jesus de uma Igreja sinodal toda missionária, no mundo de hoje, onde está a missão *ad gentes*?
- Ao não ter conceitos claros sobre a direção da missão *ad gentes*, será porque o trabalho missionário se “diocesanizou”, servindo as paróquias e deixando o que propriamente nosso?
- Neste mundo globalizado, quais são os caminhos dos Institutos missionários para serem fiéis à missão *ad gentes*?

NOTAS

* Este artigo é resultado do simpósio que o autor, Robert Schreiter ofereceu na Cidade do México em 1999. Mesmo que não seja, até o momento, um artigo atual, suas análises e propostas do autor continuam a iluminar e questionar o rumo da a missão *ad gentes*. Robert Schreiter era um sacerdote dos Missionários do Preciosíssimo Sangue. Está na CTU desde 1974. Teólogo que aprofundou a relação entre fé e cultura, a missão da Igreja e os fatores que moldam o cristianismo mundial hoje. Foi também professor na Alemanha e na Holanda. Ele dedicou 25 anos de trabalho ao campo da reconciliação, acompanhando os líderes da Igreja no difícil processo de reconstrução das sociedades e cura das divisões após longos períodos de conflito. Ele trabalhou nessa direção em todos os continentes. Ex-presidente da Sociedade Americana de Missiologia e da Sociedade Teológica Católica da América Ele deu inúmeras palestras em 55 países. Autor e editor de 27 livros. Suas publicações apareceram em 22 idiomas. De 2000 a 2006, Bob Schreiter foi professor de Teologia e Cultura na Fundação Edward Schillebeeckx na Universidade de Radboud, Nijmegen. Durante o seu tempo de afiliação com Radboud, Schreiter escreveu uma série de publicações importantes, incluída a edição revisada e ampliada de *The Praxis of the Reign of God: An Introduction to the Theology of Edward Schillebeeckx*. Junto com a professora Mary Catherine Hilker (CUA Washington), quem foi a sucessora de Schreiter na cátedra Schillebeeckx.

1. Os documentos do simpósio se podem encontrar em: *Mission and Dialogue* de Mary Motte e Joseph Lang (eds.), Maryknoll, Nueva York, Orbis Books, 1992.

2. Para um tratamento exaustivo deste tema se pode consultar: *Redemption and Dialogue: Reading Redemptoris Missio and Dialogue and Proclamation* de Williams Burrows (ed.), Maryknoll, Nueva York, Orbis Books, 1993.

3. A literatura sobre a teologia das religiões é muito extensa hoje. A controvérsia suscitada pelas investigações de Jacques Dupuis em seu moderado resumo sobre esse tema, *Toward a Christian Theology of Religious Pluralism* (Maryknoll, Nova York: Orbis Books, 1997) é um exemplo das tensões que essa questão suscita. Para abordar o problema da tentativa da Comissão Teológica Internacional de resolver esta questão em seu documento de 1997 “Cristianismo e as Religiões Mundiais”, compare o documento de Terrence Tilley “Cristianismo e as Religiões

Mundiais, um documento recente do Vaticano “, Estudos Teológicos 60 (1999) 318 -337.

4. O melhor relato das semelhanças e diferenças da globalização desde seus estágios iniciais pode ser encontrado no livro de David Held, Anthony McGrew, David Goldblat e Jonathan Perraton, *Global Transformations: Politics, Economics and Culture* (Stanford University Press, 1999).

5. Um livro que tocou neste assunto também exaustivamente é o de Hans-Peter Martin y Harald Schumann, *Die Angriff auf Demokratie und Wohlstand* (Reinbeck bei Hamburg, Rowohlt, 1996).

6. Em 1990, 34,4% da população mundial era cristã; em meados de 1999, o percentual foi estimado em 33,1%: David Barrett y Todd Johnson, “Annual Statistical Table on Global Mission: 1999” *International Bulletin of Missionary Research* 23 (1999) 25.

7. Para o tema da história da missão cristã que busca modelos de atuação e motivações que levam à missão, consulte: *Transforming Mission: Paradigm Shifts of Mission* de David Bosch, Maryknoll, Orbis Books, 1991. O missionário luterano Justinian von Weltz (1621-1688) foi o primeiro a invocar a chamada Grande Comissão.

8. Pode-se consultar por exemplo: *The New Catholicity: Theology between the Global and the Local*, de Robert Schreiter, Maryknoll, Nueva York, Orbis Books, 1997, 124-126.

9. Desenvolvi este tema em “World order, conflict, and mission at the turn of the millennium” e em “¿Reconciliation as good news in a divided world?” Philippa Woodbridge e Carlos Pape (eds.), e também pode ser encontrado em “As Américas abertas a um novo milênio”, Roma, SEDOS, 1998, 195-223.